

## SCHAUBLE NÃO É O PAI NATAL

Não tenho para mim que Tsipras seja um traidor ou um vendido aos interesses do eixo franco-alemão. Não será também um ingénuo que se deixa levar. Dentro do seu estilo, que colhe apoio popular, sabe gerir contradições e a maior de todas é a de dizer que não acredita no acordo a que chegou no eurogrupo, mas assumirá a responsabilidade de o cumprir. A aprovação, no parlamento, das medidas que o acordo impõe, será, certamente, conseguida, mas, no mínimo, será estranha. Tsipras terá a seu lado aqueles que acusou e combateu e a quem ganhou nas eleições e no referendo, tendo contra si muitos dos que, consigo, cerraram fileiras contra os que agora lhe garantem apoio.

O problema de Tsipras, portanto, não será aprovar os termos do acordo a que chegou, mas aplicá-lo, pois daí resultarão grandes e graves prejuízos para aqueles que votaram em si com o intuito de se livrarem do que ele agora acordou: os jovens (que inundaram Syntagma de “OXI” e de festa), os trabalhadores, os reformados, os cidadãos que rejeitaram os caminhos da *troika*.

Tal como as coisas se desenrolaram, Tsipras não poderia ter feito outra coisa, creio eu. E os alemães souberam montar-lhe a ratoeira. Ameaçaram expulsá-lo da zona euro, mas, na verdade, nunca tiveram essa intenção. Poderia Schauble dar a entender ser essa a sua vontade, mas não era assim. Estes velhos batidos nas batalhas políticas nunca dão ponto sem nó e sabem como agir para atingirem os seus objetivos quando estes são inconfessáveis. Criou a ideia de que o caminho seria expulsar, ou suspender por alguns anos, a Grécia da zona euro, sabendo que, sendo essa uma ideia sua, a Grécia estaria contra. E esteve. Estando contra e tudo fazendo para se manter no eurogrupo, a Grécia iria ceder a todas as pressões que sofresse. A vingança do velho não era expulsar os gregos (para quê, se isso resultava em prejuízo para a Alemanha, como alertou o Bundsbank?); a sua vingança era/foi a que serviu fria ao humilhar Tsipras e, através dele, todo o povo grego, com a imposição de um acordo pior do que o que fora rejeitado pelos gregos em referendo. Com isso sim, Schauble teve um enorme gozo, humilhando perante o mundo quem lhe fez frente.

Tsipras não poderia ter feito outra coisa, repito, a partir do momento em que decidiu envolver-se num jogo cujas regras não domina, não foi quem as estabeleceu e tão-pouco é quem as gere. Trata-se de um jogo viciado em que um dos lados fez as regras, escolhe os fortes para a sua equipa, mantém consigo alinhados os fracos que sobrevivem de lambar as migalhas sacudidas para o chão e, quando as coisas empatam, tem ainda do seu lado os juízes que dirigem a partida.

Ao decidir não romper com este estado de coisas, assumindo que manter-se no euro era objetivo maior, a parada imediatamente disparou e Tsipras perdeu o controlo e, como se previa, perdeu o jogo. Ainda tentou o *bluff*, quando recorreu ao referendo, mas o adversário era batido e não se deixou enganar.

A lição que fica é óbvia: só a rutura com as políticas que hoje imperam na União Europeia permitirá um caminho diferente àquele a que estamos condenados continuando neste jogo. Será duro? Com certeza que sim. Difícil? Sem dúvida. Imporá sacrifícios? Isso é inevitável. A diferença está em que, por este novo caminho, de rutura com o jogo que é imposto pelo grupo do euro, os países poderão, afirmando a sua soberania e identidade, ser donos de si próprios e, como se costuma dizer, baralhar para dar de novo.

Pelo caminho da *troika* – de Lagarde, Merkel, Schauble, Hollande, Passos, Rajóí, entre outros – já se viu que nada de novo acontecerá e a única novidade que teremos será, em cada momento, o grau do sacrifício, sendo esse determinado pelo centro de poder do império que está em formação. E, no momento dessa decisão, pouco importará a Schauble se Passos foi ou não obediente e bem comportado. Schauble não dá prendas, pois não é o Pai Natal.

O problema de Tsipras foi querer sol na eira e chuva no nabal. Esse é o problema de quantos, ainda que generosos, entendem ser possível intervir no campo do capital e, por dentro, desconstruí-lo. Isso não é possível e, pelo contrário, como já se confirmou em diversas regiões do mundo é o capital que consegue agir assim em terreno adverso. Porque tem recursos e não tem princípios.

Podem ser justas as causas e honestas as intenções, o problema é que no tempo que vivemos o que conta são os projetos. Um projeto que se assuma anticapitalista tem, necessariamente, de cortar males pela raiz. Tsipras tentou cortar o mal, mas não quis ir além do caule. Hoje está em maus lençóis e é apoiado por quem, logo que se torne oportuno, o devolverá ao remetente. Não será para já, pois, por agora, o seu rosto ainda vai ser aproveitado para sujar com a lama de mais austeridade. Será a forma que o capital terá de juntar o útil ao agradável.

Mário Nogueira  
Professor. Dirigente Sindical